

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIDADE DE ENSINO SUPERIOR DOM BOSCO
CURSO PSICOLOGIA

ANA CAROLINA SILVA COSTA

**OS JOVENS NEGROS E O ACESSO A INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO
SUPERIOR: vivências e impactos na subjetividade.**

São Luís

2021

ANA CAROLINA SILVA COSTA

**OS JOVENS NEGROS E O ACESSO A INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO
SUPERIOR: vivências e impactos na subjetividade.**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof. Ma. Ana Letícia Barbosa Lima

São Luís

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Centro Universitário – UNDB / Biblioteca

Costa, Ana Carolina Silva

Os jovens negros e o acesso a instituições de educação superior: vivências e impactos na subjetividade. / Ana Carolina Silva Costa. ____ São Luís, 2021.

54 f.

Orientador: Prof. Ma. Ana Letícia Barbosa Lima.

Monografia (Graduação em Psicologia) - Curso de Psicologia – Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB, 2021.

1. Ensino superior. 2. Negros – Igualdade - Instituições de ensino superior. 3. Construção da subjetividade. I. Título.

CDU 378.014.53

ANA CAROLINA SILVA COSTA

**OS JOVENS NEGROS E O ACESSO A INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO
SUPERIOR: vivências e impactos na subjetividade.**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em: 26/11/2021.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Ma. Ana Letícia Barbosa Lima (Orientadora)

Mestre em Psicologia Social - PUC - SP

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Prof.^a Lilia Ferreira da Luz

Graduada em Letras (UNICEUMA)

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Prof.^a Ma. Valéria Maria Lima Cardoso

Mestre em Psicologia - UFMA

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Dedico a todos os estudantes pretos
que assim como eu conseguiram o tão
almejado acesso.

AGRADECIMENTOS

Nada nessa vida se faz sem antes termos algum contato com o meio e com as pessoas que fazem parte dele, pois é a partir da nossa existência no mundo que podemos ter a escolha de como iremos transformá-la, assim em primeiro lugar eu agradeço a Deus que quando preciso estou conectada com essa força que sempre me mostra o melhor e a paciência para esperar.

Quero fazer um agradecimento especial a minha MÃE que sempre fez o que pode e o que não pode para cuidar e me dar exatamente o que eu precisava para seguir em frente e conquistar os meus sonhos. Agradeço a minha família que sempre me ajudou quando necessário e acreditou que eu poderia ir sempre mais longe.

Com imenso carinho agradeço a minha namorada que sempre esteve no meu lado durante todo o meu percurso acadêmico e soube com clareza e amor dizer o que eu precisava ouvir para não desistir e continuar acreditando em mim

Agradeço à minha orientadora Prof.^a Me. Ana Letícia Barbosa Lima, pela sua dedicação, competência, e representatividade negra na docência e de identificação pessoal minha, tornando possível a concretização deste trabalho.

Não poderia deixar de agradecer as contribuições recebidas da professora Me. Lidiane Verônica Collares que sempre se mostrou disponível para orientações desde a criação inicial do meu projeto.

Por fim, agradeço aos meus amigos, em especial o “galinhas e ovos”, e colegas de classe pelas conversas, companheirismo e amizade. Foi bom ter vivido todos esses momentos com vocês.

“I never felt good about. I knew it wasn’t right, but I didn’t have the knowledge, wisdom or language to fight back I couldn’t rebel because I didn’t know how. But now? Now I know how and I will”

(KAEPERNICK, 2021)

RESUMO

A educação pode ser uma ferramenta muito importante para assegurar a formação individual e profissional do indivíduo, uma vez que através dela as pessoas poderão ter acesso a melhores possibilidades de vida, trabalho e conseqüentemente chegar a patamares não alcançados anteriormente por falta de oportunidade. O ensino superior se tornou um objetivo almejado por boa parte dos jovens brasileiros, em especial os jovens negros que estão em busca de ascensão social e melhores condições de emprego, levando assim a buscarem por igualdade de acesso nas instituições de ensino superior e o seu direito de permanência nesses ambientes que muitas das vezes não os representam. Por esse motivo, o objetivo geral do estudo é compreender como o acesso a instituições de ensino superior contribui para a construção da subjetividade da população negra levando em consideração temáticas de raça que atravessam esses ambientes. A metodologia adotada para elaboração desse estudo é de caráter exploratório e descritivo, sendo feita uma pesquisa de campo através de uma entrevista semi-dirigida com a análise dos dados realizada a partir de uma abordagem qualitativa, bem como pesquisa bibliográfica, através de consulta à livros, artigos científicos, teses e dissertações relacionadas ao assunto abordado. A pesquisa destina-se para todos aqueles que tenham interesse sobre o tema proposto. Assim, entender como se dar o processo de educação da jovens negros nas instituições de ensino superior é desenvolver uma visão crítica acerca das vivências que esses jovens estabelecem durante todo período da graduação, tendo em conta a importância da conquista desse espaço pela população negra, os desafios que podem ser encontradas nesse processo e o que pode ser realizado pela própria instituição de ensino para que se haja sentimento de pertencimento nesse ambiente, representatividade e protagonismo desses jovens negros.

Palavras-chave: Ensino Superior. Jovens Negros. Subjetividade. Questões Raciais.

ABSTRACT

Education can be an essential tool to secure the individual and professional training of someone, since through it, people will be able to have access to better possibilities of life, work and, consequently, reach levels not previously reached due to lack of opportunity. Higher education became one of the most desired goals by most of the Brazilian youth, especially the youth of color, who are looking for social ascension and better employment conditions, thus leading them to seek equal access to higher education institutions and their right to remain in these environments that often do not represent them. For this reason, the general objective of the study is to understand how access to higher education institutions contributes to the construction of the black population's subjectivity, considering race themes that permeate these environments. The methodology adopted for the preparation of this study is exploratory and descriptive, with a field research being carried out through a semi-directed interview with data analysis carried out from a qualitative approach, as well as bibliographical research, through book consultation, scientific articles, theses and dissertations related to the subject discussed. The survey is intended for all those who are interested in the proposed topic. Thus, understanding how the process of educating young black people in higher education institutions to take place is to develop a critical view of the experiences these young people establish throughout their graduation period, taking into account the importance of the conquest of this space by black young people, the challenges that can be found in this process and what can be done by the educational institution itself so that there is a sense of belonging, representativeness and protagonism of these young people.

Keywords: Higher Education. Black Youth. Subjectivity. Racial Issues.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Iniciais do nome dos entrevistados, gênero, idade curso e período dos entrevistados.....28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNB	Universidade de Brasília
IFES	Instituições Federais de Ensino Superior
UNDB	Centro Universitário Dom Bosco
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
FIES	Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior
USP	Universidade de São Paulo
MEC	Ministério da Educação
F	Feminino
M	Masculino
ES	Ensino Superior

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A EDUCAÇÃO SUPERIOR COMO MEIO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	15
2.1 Educação Superior e a ascensão social.....	15
2.2 O acesso da população negra à educação superior no Brasil e as políticas afirmativas.....	17
2.3 Discussões sobre raça e o racismo.....	20
2.4 A identidade atrelada as concepções sobre 'ser negro'	22
3 METODOLOGIA	25
3.1 Local do Estudo	25
3.2 Coleta de dados.....	26
3.3 Análise dos dados	26
3.4 Aspectos éticos	27
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	27
4.1 Caracterização pessoal, conquista do acesso e permanência no ensino superior	28
4.2 Expectativas para o ensino superior e as discussões sobre questões raciais a partir das vivências no meio acadêmico	32
4.3 O acesso a instituições de ensino superior e as transformações existentes nesse processo	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICE A – Roteiro de perguntas da entrevista.....	50
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	52

1 INTRODUÇÃO

A Educação Superior se mostra através dos anos como um objetivo almejado por uma parcela de jovens que acabam de terminar o ensino médio e por pessoas que buscam pelos cursos desejados, além de uma oportunidade de ascenderem socialmente e profissionalmente no seu meio social, uma vez que através desse ingresso no ensino superior as pessoas carregam a ideia de que irão conquistar um emprego melhor, estabilidade financeira e conseqüentemente uma mudança de vida.

A Constituição Federal Brasileira de 1988 estabelece, no art. 205, que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, entendendo a educação como base que deve compor o meio pessoal e social do indivíduo, uma vez que através dela pode-se fomentar diferentes tipos de mudanças e desenvolver realizações ao longo da trajetória de vida do sujeito, embora se tenha esse entendimento por uma boa parcela da sociedade é necessário que se fale sobre como a falácia da igualdade de oportunidade para todos contribui, muitas das vezes, para o encobrimento de graves problemáticas educacionais que impactam, principalmente, a população negra. Quando se desconhece a existências dessas problemáticas, um eficaz mecanismo de evitar o seu enfrentamento se inicia.

A educação para a população negra no país sempre foi negligenciada do ensino básico ao ensino superior, repercutindo um índice extremamente baixo de pessoas negras que ingressam nas universidades, como pode ser visto nos Dados do Censo de Educação Superior (2019) do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o Brasil tem mais de 8,6 milhões de pessoas matriculadas em instituições de ensino superior, mas apenas 613 mil se declararam pretas, o que corresponde a 7,1% do total. Observa-se que uma minoria significativa aos que conseguem se inserir nesses espaços, podendo assim vivenciar e perceber como as desigualdades da sociedade acabam que repercutindo em outros âmbitos sociais, provocando o fenômeno das desigualdades raciais na educação e ampliando assim as desvantagens nos percursos educacionais da população negra. Entretanto, é possível observar mudanças em relação a esse histórico, uma vez que jovens negros vem cada dia mais se colocando em espaços que antes a eles eram negados e se fazendo presente em uma luta diária por permanência e representatividade no ambiente acadêmico.

Diante desse contexto, o presente trabalho foi movido pelo seguinte problema de pesquisa: como o acesso a instituições de ensino superior contribui para a construção da subjetividade dos jovens negros levando em consideração temáticas de raça que atravessam esses ambientes?

As hipóteses que orientam o desenvolvimento da pesquisa foram: a existência de muitos desafios que jovens negros podem vir a enfrentar quando conseguem o acesso nas instituições de ensino superior, seja pelas adversidades que normalmente já se encontram nesses ambientes relacionadas a aprendizagem e ao convívio com diferentes tipos de pessoas, assim como as questões ligada a raça, do sentimento do não pertencimentos até as questões ligadas a preconceitos enraizados que colocam o racismo evidente nas relações que poderão ser construídas no percurso acadêmico. Além de que o acesso ao ensino superior pode contribuir para a construção da subjetividade dessa população, uma vez que a entrada em instituições de ensino superior afirma um certo lugar de mérito e excelência na sociedade e com isso podendo estimular a vontade do indivíduo de se fazer presente nesse ambiente, seja para alcançar boas oportunidades de carreira até uma mudança da realidade vivida.

Esse trabalho teve como objetivo geral compreender como o acesso às instituições de ensino superior contribuem para a construção da subjetividade de jovens negros levando em consideração temáticas de raça que atravessam esses ambientes, e possui como objetivos específicos analisar como se deu a conquista do espaço de jovens negros na educação superior e a permanência deles nessas instituições, debater como as questões raciais se apresentam no meio acadêmico e por fim, conhecer a vivência de estudantes negros nas instituições de ensino superior.

Para a elaboração de um projeto de pesquisa de conclusão de curso é necessário que se escolham temáticas que de alguma forma marcaram a jornada do estudante durante a graduação ou que lhe chamaram a um local não muito confortável, mas que trouxeram questões e problemáticas que eliciaram a necessidade de serem discutidas, argumentadas e/ou refutadas, nesse sentido a temática escolhida pela pesquisadora se dá pela vivência de uma estudante negra ingressa em uma instituição de ensino superior e como esse processo trouxe inúmeras questões acerca das possibilidades, conquistas e dificuldades estabelecidas enquanto se graduava.

O acesso ao ensino superior se mostrou cada vez mais necessário quando se refere ao crescimento profissional e pessoal dos indivíduos, entender como se dá o processo de educação da jovens negros nas instituições de ensino superior é desenvolver uma visão crítica acerca das vivências que essa comunidade estabelece durante todo período de graduação, tendo

em conta a importância da conquista desse espaço pela população negra e as vicissitudes que podem ser encontradas nesse processo (PACHECO; SILVA, 2007). Levando em consideração várias prerrogativas que se encontram entrelaçadas a esse fator a presente pesquisa buscou contribuir através de um estudo de campo sobre como o acesso a instituições de ensino superior colabora para a construção da subjetividade de estudantes negros e a relação com as temáticas de raça que atravessam esses ambientes, onde se pode analisar os dados coletados com os estudantes negros do ensino superior acerca das suas vivências nesse ambiente, apresentando também aprofundamentos teóricos que serviram de embasamento para as análises apresentadas nesse estudo.

O trabalho se inicia com esta introdução, em seguida apresenta o referencial teórico e a metodologia de pesquisa. Continua com os resultados e discussões dos dados coletados através das entrevistas, para ao final, apresentar as considerações finais.

2 A EDUCAÇÃO SUPERIOR COMO MEIO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A partir da década de 1990, a educação superior no Brasil passou a ter grandes modificações, uma vez que houve o processo de desregulamentação do ensino superior e o aumento substancial de instituições privadas, acompanhado pelas expansões das universidades públicas. Silva *et.al* (2015 p. 59), descreve que com “O aumento significativo da quantidade de vagas no sistema de ensino superior, aliado à implementação de políticas públicas, como programas de bolsas, financiamento estudantil e sistemas de cotas, facilitou o acesso ao ensino superior [...]”. Com essa tentativa de desburocratização do ensino superior, ele passa a ser procurando mais frequentemente com a ideia da mobilidade social, entendida como uma mudança de posição dentro de uma estrutura hierárquica do meio social, assim ao se colocar o sistema educacional com fomentador de conhecimentos básicos e especializados, ele acaba por atender as necessidades de reprodução sociais, econômicas e políticas de uma sociedade.

Este capítulo se presta justamente a explorar questões relacionadas ao ensino superior e fenômenos sociais que pode estar atrelados a esse contexto, especialmente os relacionados a inserção de jovens negros em instituições de ensino superior e as questões raciais associadas a isso.

2.1 Educação Superior e a ascensão social

Com a globalização o mundo passou a apresentar mudanças cada vez mais rápidas e essas transformações implicam diretamente no processo produtivo e como o mercado necessita se adaptar a isso, resultando na busca por mão de obra mais especializada, onde comumente são associados as pessoas que possuem o ensino superior, portanto estudantes veem as instituições de ensino superior como uma oportunidade de adquirir conhecimentos especializados que irão responder as exigências do mercado e conseqüentemente farão que eles tenham uma ascensão social, acreditando que a educação seja o meio de superar problemas sociais como desemprego, moradia, fome entre outros (NUNES; ESTAVAM, 2006).

A construção de uma relação entre educação, trabalho e desenvolvimento social levou ao entendimento da importância da ampliação ao acesso da população a educação, partindo principalmente do processo de industrialização do país como explicam Silva; Valore (2019, p.178):

Essa concepção é defendida pela teoria econômica da educação, ou teoria do capital humano, que, de acordo com Freitag (1986), é o processo por meio do qual se incrementa a quantidade de pessoas cuja posse de educação, habilidades e experiência, adequadas ao desenvolvimento industrial, torna-se indispensável para o desenvolvimento político e econômico de um país.

Essa associação entre a educação e o desenvolvimento social fez com que fossem implementados esforços para que o acesso da população à escolarização fosse efetivado, existindo uma certa “taxa de retorno social e individual”¹ que seria benéfico para a população e para o Estado, melhorando assim a qualidade de vida e seguindo a mesma lógica anterior, contribuindo para o desenvolvimento do país.

Nesse sentido, estudantes ao buscarem pelo ensino superior abarcam uma expectativa de que ao se graduarem, eles terão melhores oportunidades de vida e empregos que aumentarão o *status* social, dessa maneira a educação de qualidade é necessária para que questões relacionadas a mobilidade social sejam alcançadas, dado que o desemprego e a falta de recursos que atingem população brasileira podem ser enfrentadas com a escolarização e a inserção na educação superior, entretanto, ainda para uma boa parte da sociedade, o ensino superior não é um caminho fácil, por não conseguirem conquistar uma vaga, ou oportunidades para se inserir nele, chegando em algumas situações não terem recursos para se manterem dentro das instituições, evidenciando assim uma falta de oportunidades para todas as pessoas entrarem e se manterem no ensino superior (NUNES; ESTEVAM, 2006).

Como descrito acima o acesso ao ensino superior tem se intensificado e com o passar dos anos foram produzidos avanços expressivos nesta área, com a ascensão de novos públicos, como os estudantes que compõem a primeira geração de suas famílias a terem acesso ao ensino superior, sujeitos estes pertencentes a grupos sociais que, historicamente, não tiveram a oportunidade de adentrar em universidades por falta de recursos ou por pertencerem a grupos étnico-raciais subalternos. Quando se tem a manutenção de níveis educacionais de gerações passadas iguais a novas isso acaba que gerando pouca ou nenhuma mobilidade social, apenas quando esse ciclo é quebrado e as novas gerações podem ter acesso a níveis educacionais superiores que pode se apresentar a mobilidade educacional e tendências a mobilidade social, fenômeno esse que pode ser percebido no Ensino Superior, descrevendo assim a importância do acesso a oportunidade para a inserção de estudantes na universidade e a democratização desse acesso para gerações atuais e futuras (CAREGNATO *et.al*, 2018).

¹ Para alguns estudiosos da economia da educação essa “taxa de retorno social e individual” seria como se o Estado estivesse investindo na educação esperando um retorno da população em nome do desenvolvimento nacional, beneficiando assim tanto o indivíduo como o Estado (FREITAG, 1986 p. 28 *apud* SILVIA; VALORE, 2019).

Esse processo todo relacionado a democratização não acontece sem algumas contradições, quando as minorias adentram no ensino superior não significa, prontamente, que foi superado todas as dificuldades ou que as condições de equidade foram estabelecidas e sim o oposto, visto que o seu caminho pelo nível superior poderá ser marcado pelas desigualdades que caracterizam a sociedade brasileira, desigualdades essas que se expressam em diferentes níveis da trajetória social do indivíduo que são consequências das mazelas sociais contemporâneas.

2.2 O acesso da população negra à educação superior no Brasil e as políticas afirmativas

As desigualdades encontradas ao acesso do ensino superior da população negra vêm cercado de um histórico de mais de 400 anos de exploração escravista da mão de obra negra em conjunto com ausência de políticas públicas após a abolição da escravatura, uma vez que não houve incentivo do estado e nem da população brasileira para que os negros fossem inseridos na sociedade, provocando assim uma marginalização dessa população e desvantagens substanciais quando há discussões sobre o acesso a direitos básicos como moradia, educação, alimentação, saúde, trabalho, entre outros. Com o passar dos anos foi se constatando manutenção dessas desigualdades que foram disfarçadas e influenciadas na sociedade pelo mito da democracia racial e que permanecem presentes até hoje, tornando necessário a adoção de medidas sociais que pudessem reparar as situações que foram construídas durante os anos através das complexidades do racismo (JUNIOR; DAFLON, 2014).

Embora necessárias as mudanças realizadas no acesso ao ensino superior, ainda houve parte da população brasileira que não queria renunciar a um dos pilares identitário: a ideologia da “democracia racial”, colocando assim as problemáticas levantadas até então não como problemas de origem racial, mas sim social. Críticas foram sendo feitas durante as mudanças que ocorreram nesse processo, argumentando que existia uma dificuldade de definir quem é negro no Brasil, uma vez que a mestiçagem atinge a todos os brasileiros, o que pode ser refutada levando em consideração que se existe discriminações no país pela cor, no mínimo é evidente que quem discrimina sabe distinguir as pessoas que são discriminadas por elas (PACHECO, SILVA, 2007).

Mesmo enfrentando todas as críticas, o movimento negro e os movimentos estudantis não descansaram até que fossem realizadas medidas para conter as desigualdades

educacionais de acesso ao ensino superior da população negra nas instituições em todo país. Posteriormente essas resistências se revelaram como importantes para que a realidade começasse a se modificar com o advento das políticas de ações afirmativas.

Para que se houvesse o acesso da população negra ao ensino superior foi necessário buscar por alternativas para as desigualdades encontradas no país entre brancos e negros, possibilitando fomento de discussões acerca da discriminação e do racismo, surgindo debates ao longo dos anos sobre a exclusão que existia dos negros no ensino superior. O IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada na década de 90 realizou uma pesquisa onde constatou que do total de universitários brasileiros, 97% eram brancos, sobre 2% negros e 1% descendentes de orientais, assim foi questionado o que poderia ser realizado para aumentar a representação e a inserção do negro na educação superior, colocando em questão também a permanência dessa população nas universidades. Somente na primeira década dos anos 2000 que foram realizadas as primeiras contribuições de caráter efetivo para tentar contornar essa realidade dessa desigualdade encontrada no território brasileiro, por determinações dos governos dos estados do Rio de Janeiro e da Bahia as universidades estaduais dessas localidades (UERJ E UNEB) foram convocadas a aplicarem cotas em seus cursos de graduação em favor da população negra.

Em 2001, a UnB reconheceu, estatisticamente, a desigualdade racial em relação aos estudantes: dos 26 mil estudantes, apenas 2% eram negros (Nery, 2008) e foi a primeira universidade federal brasileira a instituir o sistema de cotas para estudantes negros, em junho de 2004, após cinco anos de debates. (SANTOS; SCOPINHO, 2016 p. 271).

O surgimento das ações afirmativas no ensino superior público brasileiro desencadeou que diversas instituições públicas de ensino superior adotassem às políticas de cotas ou reservas de vagas. Morcelin; Martinazzo; Guimarães 2018 p. 299 escreve que foi “somente em 2001 que foram aprovadas as primeiras políticas de ações afirmativas para a população negra por decisão do Poder Público, tendo como base o sistema de cotas e a ideia da necessidade de representação desse setor em diversas esferas da sociedade”. Interessante ser destacado que após a implantação de políticas de ações afirmativas dentro das universidades e a pressão dos movimentos estudantis e o movimento negro contribuíram para que a Lei das Cotas fosse aplicada nas Universidades Federais e nos Institutos Federais de Educação, Ensino e Tecnologia, tendo ela o propósito de garantir reservas de vagas para alunos oriundos de escolas públicas, pretos, pardos e indígenas no âmbito da IFES - Instituições Federais de Ensino Superior (SANTOS; SCOPINHO, 2016). Quando se fala sobre as ações afirmativas em instituições privadas de ensino superior, mesmo que estas muitas das vezes fiquem em segundo

plano quando comparadas às medidas adotadas nas instituições públicas, o Programa Universidade para Todos (PROUNI) representa a principal modalidade de ação afirmativa aplicada ao ensino superior privado, onde as universidades ofertam bolsas parciais ou integrais e em troca obtêm isenção de alguns tributos.

O programa nasceu no ano de 2004 da iniciativa do então ministro da Educação Tarso Genro, que propôs o aproveitamento de cerca de 100 mil vagas ociosas nas universidades por estudantes de baixa renda. São contemplados pelo programa estudantes egressos do ensino médio na escola pública ou bolsistas da rede particular, que comprovem ter renda familiar per capita inferior a três salários-mínimos, reservadas cotas para deficientes físicos e para candidatos pretos, pardos e indígenas de acordo com a sua proporção na população de cada estado (JUNIOR; DAFLON, 2014 p. 34).

Desde a sua implementação o programa também vem ajudando jovens negros a entrarem no ensino superior através de bolsas. Com as mudanças realizadas nas últimas décadas em relação a expansão do ensino superior público e privado, houve uma parcela mais variada da população brasileira dentro dessas instituições, entretanto mesmo com o aumento significativo de negros do ensino superior não foi suficiente para que se igualasse o quantitativo de negros aos dos brancos, perpetuando ainda um ambiente acadêmico majoritariamente branco.

Em movimento constante, a composição racial dos estudantes muda de modo significativo. Se antes os negros representavam apenas 22% dos estudantes de nível superior, em 2015 essa participação alcançou aproximadamente 44%. Nesse sentido, cabe pontuar que, ao longo desse período, houve também aumento relevante de pessoas que se autodeclararam pretas ou pardas, fenômeno mais próximo da identificação racial do que de componentes demográficos específicos (Soares, 2008). Se a população negra, em 2001, considerando o somatório entre pretos e pardos, era de 46,1%, em 2015 esse número passa a 53,9% – uma variação de 17% (IPEIA, 2020 p.17).

Isso retrata que mesmo com o acesso ao ensino superior pelos jovens negros, eles ainda podem vivenciar dificuldades dentro das instituições, relacionados com a questão de pertencimento e permanência desse sujeito, uma vez que não basta só dar o acesso ao estudante, ele irá necessitar de meios para continuar no ambiente acadêmico. Além disso, todo o processo estabelecido dentro do ambiente acadêmico afeta diretamente na subjetividade do sujeito, uma vez que ela é passível de transformações a todo instante e o meio social se apresenta como um dos principais responsáveis por isso.

Como exemplificado até aqui as políticas de acesso ao ensino superior trazem prerrogativas significativas para o acesso de estudantes negros para a vida universitária, porém isso não significa que a democracia racial deixou de ser uma ideologia presente na sociedade, uma vez que ela continua a reproduzir os mecanismos dessa concepção e as instituições de ensino superior apresentam reproduções de falas, pensamentos e comportamentos dessa sociedade, ainda longe de rompimentos de certos paradigmas, preconceitos e estereótipos, restando assim muitos desafios a serem enfrentados pelas universidades afim de enfrentar essas problemáticas oriundas de uma dolorosa integração da população negra na sociedade (GONÇALVES; AMBAR, 2015).

Dessa forma, as questões raciais que atravessam o ambiente acadêmico impactam de diferentes formas a vida do indivíduo, levando em consideração que se apresenta como um elemento estruturante das relações sociais que são desenvolvidas e essas questões delineiam o lugar que a pessoa negra é colocada na sociedade e como esse lugar pode trazer para essa parcela da população lutas diárias que atravessaram as vivências e como consequência, a forma em que o indivíduo constrói a sua identidade nesse ambiente.

2.3 Discussões sobre raça e o racismo

Segundo Martins; Santos e Colosso (2013), a raça se define como um constructo sociológico que só pode fazer sentido dentro de um contexto histórico, uma vez que não se pode definir geneticamente diferentes raças humanas. No Brasil existe distinções de raças pautadas na cor da pele, quantidade de melanina presente, nos traços corporais e na origem regional e social, e a partir disso implica também em atribuições de estereótipos e da própria identidade. Assim a raça comparece nas mais diversas experiências da vida social, uma vez que se pode encontrar comparativos quando se fala de recursos, poder, nas identidades construídas coletivamente, nas formas de arte e cultura, além da própria experiência subjetiva. Discussões sobre raça ainda podem vir carregada de tabu e de reflexões que tentam diminuir os conflitos que a ideia traz, gerando narrativas que negam e minimizam as construções sociais que foram estruturadas pela sociedade e que alimentam o fenômeno do racismo e as desvantagens existentes entre negros e brancos. A partir de uma busca nacional pela identidade da população foi sendo construída uma noção de que através da raça poderia efetivar um poder pautado na possibilidade de diferenciar, discernir e discriminar os sujeitos, entendendo esse poder como

meio pelo qual se é possível separar uns aos outros, sendo aspectos produzidos pela dinâmica social (SCHUCMAN; GONÇALVES, 2020).

As opressões, discriminações e humilhações sociais podem ser aspectos produzidos pelas desigualdades raciais encontradas no meio coletivo, tornando fatores determinantes para o adoecimento do indivíduo que ao se perceber dentro desse sistema acaba que estabelecendo comportamentos que podem vir em contraponto a tudo que é construído de forma negativa a sua identidade ou causando reproduções de práticas racistas e discriminatórias que são evidenciadas a muito tempo através da socialização dos indivíduos. Cada sujeito irá vivenciar estas estruturas sociais de forma diferente, dependendo sempre de como o processo causou impacto em sua vida e as implicações individuais e coletivas estabelecidas a partir do que se foi vivenciado (MARTINS; SANTOS; COLOSSO, 2013). Assim que a ideologia do branqueamento se tornou mais forte e manifestações foram realizadas pós libertação dos escravizados, existiu um grande objetivo: que era de branquear a população brasileira que se encontrava mestiçada, em sua maioria, de negros e brancos, com isso o desejo de exclusão e o repúdio pela cor e o corpo do negro foi evidenciado, logo o negro passou a negar a sua cor e sua própria identidade (PACHECO, SILVA, 2007).

O racismo na sociedade produz condições objetivas desiguais para os indivíduos negros, mas também lhe assegura especificações na constituição subjetiva, levando em consideração o que essas pessoas vivenciam durante toda a vida a partir de desigualdades encontradas na sociedade que são edificadas por relações sociais estruturadas pelo racismo. Para que se houvesse justificativa das práticas racistas foi colocado na concepção da sociedade uma dualidade onde o negro era visto de forma inferior e o branco superior, esses pensamentos foram recorrentes e sendo transmitidos de geração em geração, sendo estruturados institucionalmente no país com prerrogativas morais e fantasiosas, estabelecendo uma hierarquização e a desigualdade social. Quando se fala sobre as consequências que o racismo traz para as pessoas negras, pode se destacar a retaliação a identidade negra a percepção visual que é quase sempre distorcida e a deslegitimação das lutas e vozes que são evidentes nos movimentos contra os fenômenos de desigualdades raciais. O racismo pela sua estruturação histórica e social não permite que haja diversidade, podendo causar impactos negativos para determinados grupos que não estão dentro das condições de poder estabelecidas como superiores, abrindo assim repercussões relativas à discriminação que perpassam por questões ligadas ao gênero, classe, sexualidade entre outras (FRANCISCO, 2019).

Jesus; Costa (2017), afirmam que desde a abolição até a década de 1990, houve a ausência de políticas de promoção da igualdade racial, quando relacionada ao tardio reconhecimento do Estado brasileiro para com o racismo existente na sociedade. É necessário o reconhecimento da dimensão que o racismo estrutura no meio social para que se possa encontrar maneiras de enfrentá-lo, esse reconhecimento se determina a partir do entendimento de que ele pode se manifestar em diferentes níveis e mecanismos, visto que se estabelece na sociedade mantendo a população negra em situações de vulnerabilidade e sem proteção social, já que são os indivíduos que menos tem acesso a direitos e serviços que deveriam ser garantidos a todos a população brasileira.

Quando se abre discussões a respeito do racismo é necessário além de reconhecer que as discriminações raciais acontecem, é importante também entender como ela é reproduzida na sociedade, a partir do entendimento de como essas estruturas se solidificam e se mantem constantemente, já que os personagens que estão nessas dinâmicas são agentes ativos nas questões das relações sociais o que gera uma persistente exclusão das pessoas negras e o apagamento de sua identidade (BENTO, 2002).

2.4 A identidade atrelada as concepções sobre 'ser negro'

A pessoa enquanto ser social se mantem em constante transformações a partir do momento que entra em contato com a sociedade e com as pessoas que estão presentes nela, uma vez realizada essas interações o sujeito se faz construtor de sua identidade e da forma como se percebe em diferentes âmbitos na vida. Devido as diferentes vivências que podem ser percebidas por jovens negros na universidade cabe de certo modo trazer discussões a respeito de como as ramificações do racismo podem adentrar no meio acadêmico e como ele pode trazer percepções acerca do que é ser negro e a identidade atrelada a essa constituição. Piza; Rosemberg (2014) discutem brevemente em uma parte do seu capítulo sobre “o que é negro?” e como a palavra aqui no Brasil pode significar diferentes conceitos dependendo da visão de quem a utiliza, seja pelos movimentos sociais que coloca o termo como algo racial-político-cultural ou como algumas pessoas da sociedade que atribuem apenas o significado de cor, quando comparado e igualado a outras terminologias, como exemplo, tornando um sinônimo de “preto”. Quando se resgata discussões acerca de como se estabelece essa identidade, é

possível perceber uma construção da percepção do sujeito a partir de um significado atribuído dele mesmo ou de um coletivo que no qual ele faz parte durante toda a sua vida.

Não se pode falar sobre identidade negra e não discutir sobre como a sociedade brasileira olha para essa população. Após a abolição da escravatura e a “*perda*” da sua principal mão de obra que era composta, desde a época colonial, majoritariamente por pessoas negras, houve uma busca por embranquecer a população brasileira que por causa de anos de escravidão e tráfico tinha se tornado em sua maioria formada por ex-escravizados e seus descendentes.

Silva; Laranjeira (2007 p. 126) descreve que “Os políticos, os médicos e os bacharéis que tinham muita influência nos destinos da sociedade, preocupavam-se com a mácula ou o lado ruim do brasileiro, temendo ‘influências negativas’ nos destinos da nação” categorizando assim um investimento para que a população brasileira se torna-se menos preta, originando uma série de movimentos e estratégias que eliminavam e degradavam as pessoas negras que eram tidas como ‘seres’ que inferiorizavam o povo brasileiro e retardava o desenvolvimento do país. A política do branqueamento foi colocada em prática com a vinda de mão-de-obra europeia buscando um clareamento do povo brasileiro, almejando uma consolidação de uma cultura “superior”. Assim com essa chegada desses imigrantes foi sendo construídos mecanismo sociais e simbólicos de dominação onde se colocava a ideologia do branqueamento como pilar e necessária para o crescimento do país, consolidando de forma detalhada as bases do racismo, fazendo que o branco virasse modelo superior e o negro inferiorizado ainda mais.

Em meio a todas as tentativas de tentar embranquecer a sociedade brasileira o preconceito racial e a intolerância que já vinham sendo impostos a todas as pessoas negras desde a era colonial e até mesmo antes desse período, foi se intensificando ainda mais no imaginário e vocabulário da população, sendo a se naturalizar perspectivas e estudos que tinham apenas um objetivo: acabar com o “problema racial brasileiro”, em outras palavras, o grande problema para a sociedade, na época, eram os negros. Essa preocupação com branqueamento da população não se limitava apenas a cor e uma necessidade de limpeza de raça, mas adentrava em um terreno que atualmente ainda possuem repercussões, a exclusão dessa população, excluir no sentido de não ser visto, excluir no sentido de eliminar o desconforto que é atribuído a figura do negro (PACHECO, SILVA,2007).

Fernandes; Souza (2016 p. 106) colocam que:

[...] o racismo dificulta o diálogo entre os diferentes grupos que compõe a sociedade brasileira, pois cria fronteiras simbólicas rígidas, estabelecendo binarismo

identitários, ou seja, uma identidade do que é "ser negro" contraposta ao que é "ser branco", baseadas em estereótipos negativos para os primeiros e positivos para os últimos. O racismo é assim uma forma de negação ou de e mistificação da alteridade da população negra, fixando-a em estereótipos, atribuindo-lhe uma essência de inferioridade e maldade, não reconhecendo suas diferenças [...].

Nesse sentido, quando se refere a identidade que o outro vê sobre a população negra, é possível perceber que estigmas foram enraizados e os que ainda são demonstrados pelas pessoas colaboram para a construção social que não condizem com a realidade, mas que a partir disso produz efeitos sobre ela. Como falar sobre identidade e não remeter a esse passado que até hoje está presente, Lucena; Lima (2009 p. 35) descreve que [...] “a identidade individual ou coletiva se forma a partir de um olhar sobre o outro; ou a partir do olhar que o outro possui sobre nós”, quando se remete a uma sociedade racista a construção da identidade do negro perpassa a condições objetivas e do imaginário estabelecido por significações negativas sobre esse grupo étnico-racial, colocando em paralelo de como o branco em sua forma dominante é evidenciado pela sociedade com superioridade e, em contrapartida, o negro é colocado no paradigma de inferioridade (FERNANDES; SOUZA, 2016).

Assim, se foi construído ao longo da história uma visão deturpada, irrealista, segregadora e violenta sobre as pessoas negras, o que acaba influenciando na percepção que o indivíduo negro tem de si mesmo e de suas potencialidades enquanto um ser vivendo em uma sociedade. Se a todo momento a esse sujeito negro, mesmo que de forma velada, é sujeitado a ideia de que ele vale menos do que qualquer pessoa branca, que ele não pode almejar por uma ascensão profissional, social e individual, ele acaba acreditando nisso e tomando por verdade para si.

3 METODOLOGIA

A metodologia científica é vista como concepções teóricas da abordagem e da realidade empírica, se constituindo muito mais do que mero conjuntos de técnicas, dessa forma esse estudo se classifica quanto à natureza básica, onde se objetiva gerar conhecimentos novos para o avanço da ciência. O estudo tem um caráter qualitativo por apresentar análise de conceitos e ideias, baseando-se na interpretação dos fenômenos observados seja no significado que carregam, como no significado atribuído pela pesquisadora (PRODANOV; FREITAS, 2013).

O estudo é caracterizado como exploratório e descritivo, Gil (2008) descreve que o estudo exploratório tem como finalidade desenvolver conceitos e ideias, proporcionando uma visão mais geral acerca de determinado fato e descritivo por ter a finalidade de levantar opiniões, atitudes e crenças de uma parcela da população. Nessa perspectiva, o estudo objetivou compreender como são caracterizados as vivências e os impactos na subjetividade de jovens negros ao se encontrarem nas instituições de ensino superior.

Relacionado aos procedimentos técnicos, a pesquisa se classifica como pesquisa de campo, sendo utilizado uma entrevista semi-dirigida. A partir da pesquisa de campo foi possível buscar um aprofundamento muito maior das questões propostas pela pesquisadora, tendo uma maior flexibilidade por não se preocupar tanto com as precisões estatísticas, mas sim com as estruturas subjetivas dos jovens estudadas, sendo assim a pesquisa se envolveu em reunir informações de uma determinada amostra sobre o desenvolvimento da subjetividade e as vivências dos estudantes negros no ensino superior, além do auxílio de pesquisas bibliográficas, sendo desenvolvida a partir do uso de livros, artigos científicos, sites, publicações periódicas que proporcionaram uma gama de fenômenos muito ampla e que foram utilizados durante todo o processo de pesquisa, sendo também necessário pelo pesquisador uma busca científica e coerente dos dados e fontes encontrados para que assim não haja equívocos e replicações de erros. (GIL, 2008).

3.1 Local do Estudo

O estudo foi realizado em São Luís-Maranhão, tendo como base da pesquisa o Centro Universitário Dom Bosco – UNDB. A UNDB é uma instituição de Ensino Superior particular, inaugurado em 2002, com a aprovação do MEC, localizada em um bairro nobre de

São Luís, próxima de outra instituição de Ensino Superior particular. Ela teve sua inauguração com 1 (uma) turma no curso de Administração e em 2021 conta com mais de 22 cursos de graduação, e mais de 25 cursos de pós-graduação.

3.2 Coleta de dados

Foi realizado uma entrevista semi-dirigida, onde os participantes foram estudantes negros, sendo de alguns cursos da UNDB, onde responderam questões acerca da sua experiência como estudantes negros em uma instituição de ensino superior, as entrevistas se deram a partir de um roteiro de perguntas (APENDICE A), perguntas essas relacionadas as questões raciais que atravessam o ambiente do ensino superior e como isso impacta ou impactou a vida dos entrevistados. Para a escolha da amostra, contou-se como pré-requisitos para a efetiva participação na pesquisa, estudantes do ensino superior autodeclarados negros e maiores de idade, sem faixa etária máxima predefinida e que estivessem cursando a partir do terceiro período da graduação.

Como critério de exclusão, destacou-se alunos não matriculados em cursos do ensino superior do Centro Universitário Dom Bosco – UNDB, alunos menores de 18 anos, além de estudantes que não se autodeclararam negros. Foi utilizado para a realização de algumas das entrevistas uma plataforma digital de chamada de vídeo. Foram no total entrevistados seis estudantes negros, sendo um casal dos cursos de Direito, Odontologia e Psicologia da UNDB, as entrevistas foram realizadas de forma presencial e pela plataforma digital de chamada de vídeo – Zoom.

3.3 Análise dos dados

Freitas (2002), descreve em sua pesquisa sobre as considerações que Bakhtin realizava sobre o objetivo da Psicologia, pelo qual afirma que ele não pode ser de restringir a explicar fenômenos pela causalidade, mas que deve preocupar em descrevê-los, uma vez que as ciências humanas irão estudar o homem em um processo contínuo de expressão e criação, só podendo acontecer a partir da interação com o sujeito de forma a estabelecer um diálogo. Assim produzir conhecimento a partir de uma pesquisa é colocar a aprendizagem como processo social compartilhado e gerador de desenvolvimento. Logo quando se fala sobre uma pesquisa

qualitativa orientada através da abordagem sócio-histórica, ela se apresentou como um campo de aprendizagem e de produção de conhecimento.

Nesse sentido, a análise dos dados se realizou a partir de uma abordagem qualitativa orientada através da abordagem sócio-histórica no que se refere as informações levantadas e respondidas durante a entrevista. A entrevista foi realizada na forma semi-dirigida com os alunos negros dos cursos de graduação da UNDB selecionados, levantando informações acerca do acesso dos mesmos a instituição de ensino superior e suas vivências ao longo dos períodos do curso escolhido, buscando assim compreender como se desenvolve a subjetividade dessa população no ensino superior relacionando aos assuntos de raça que atravessam esses ambientes. Sendo as entrevistas transcritas para a análise dos dados obtidos.

3.4 Aspectos éticos

Os selecionados a participar da pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (APENDICE B), onde consta as informações e especificações sobre a pesquisa explicando de forma clara, objetiva e acessível aos participantes como se deu todo o processo do estudo, sendo de escolha deles participarem ou não da pesquisa. Em relação aos dados expostos na pesquisa, só serão expostas informações necessárias e cruciais para o andamento efetivo do estudo, proporcionando o sigilo e a confidencialidade caso requisitada. A garantia da confiabilidade, sigilo e a preservação das respostas dos participantes será que responsabilidade da autora dispondo do auxílio e colaboração da psicóloga e orientadora Me. Ana Letícia Lima Barbosa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

São apresentados nesse item, os resultados da pesquisa de campo realizadas com estudantes da UNDB, objetivando apreender os sentidos dados às vivências que eles tinham antes da entrada no ensino superior e como eles percebem a experiência que estão tendo enquanto estudantes negros, foram perguntados aos seis entrevistados algumas questões que faziam referências as vivências que eles possuíam antes da entrada na instituição de ensino superior e algumas informações relevantes para a categorização deles em relação ao seu estado atual na instituição e no momento que entraram no ensino superior (Tabela 01).

4.1 Caracterização pessoal, conquista do acesso e permanência no ensino superior

Tabela 01 – Iniciais do nome dos estudantes², gênero, idade, curso e período dos entrevistados³

Estudante	Gênero	Idade	Idade da entrada no ES ⁴	Curso	Período
RC	F	22	18	Direito	10°
RD	M	21	18		8°
MF	F	23	19	Odontologia	10°
PF	M	22	18		10°
CF	M	29	24	Psicologia	10°
SF	F	23	18		9°

Fonte: Elaboração própria

Houve a necessidade de realizar algumas perguntas para que se conhecesse a realidade, a priori, dos estudantes e se o acesso ao ensino superior foi um processo que levou certo tempo ou se foi feito após a saída do ensino médio. Segundo o IBGE, a partir do Censo Agro (2017) destacou que entre os jovens pretos ou pardos de 18 a 24 anos que estudava, o percentual cursando ensino superior, etapa adequada a essa faixa etária, vem aumentando desde os últimos anos, mas ainda é abaixo quando comparados aos estudantes brancos nessa mesma faixa etária, nesse sentido quando analisado as respostas dos entrevistados pode-se salientar que não houve demora para o ingresso no ensino superior por parte dos estudantes, com exceção de um entrevistado, porém a demora não estava relacionada com a raça e sim com a escolha certa do curso desejado.

A partir das perguntas iniciais das entrevistas pode-se perceber como o acesso ao ensino superior, embora feito pela maioria dos entrevistados após a saída do ensino médio, não se deu de forma fácil:

“Então eu abrir mão do mercado de trabalho pra optar só pelo acadêmico e foi o que eu fiz [...]. Ai no último ano eu fiz (ENEM) e foi um pouquinho difícil, **porque eu**

² Para que fosse respeitado o sigilo dos entrevistados, esses serão identificados apenas pelas iniciais de seus nomes.

³ O processo de escolha dos entrevistados se realizou a partir de interações realizadas com alunos negros pela pesquisadora durante a graduação, uma vez que alguns dos entrevistados são do seu ciclo social, mas também foram realizadas indicações de alunos que topariam participar das entrevistas a partir dos estudantes que já tinham confirmados sua participação na pesquisa.

⁴ Ensino Superior.

ainda quis desistir⁵, porque pra entrar em uma Federal era assim “barra” eu fiquei muito assim atrás e quando eu fiz eu não fiz em ampla concorrência, então eu tentei UFMA várias vezes...”

“E aí das minhas expectativas pra ser sincera eram bem baixas de conseguir ingressar, tanto que já foi difícil no sentido da questão financeira e aí foi uma coisa que me desanimou muito, tipo no primeiro ano em 2017 eu quis desistir não queria mais fazer Enem, **só que eu tinha muita vontade de me formar cedo e aí eu simplesmente continuei.**” (SF).

Em relação ao Ensino Médio, apenas dois entrevistados indicaram que cursaram o ensino médio em escolas da rede pública. Ressalta-se que mesmo cursando o ensino médio em uma escola particular, um dos entrevistados tinha uma bolsa de estudos. Os oriundos da rede pública relataram como a sua passagem pelo ensino médio tiveram contato com debates que abordavam questões ligadas a raça e contato direto com estudantes negros: “no meu colégio tinha muitas pessoas negras. [...] eu já estava acostumada a lidar com questões relacionadas ao racismo que era algo que sempre era discutido em palestras que assisti inclusive” (RC). É possível observar que muitos dos estudantes negros são oriundos de escolas públicas, tendo assim mais contato com alunos negros no ambiente escolar, sendo algo relatado por alguns entrevistados, o que com a chegada na instituição de ensino superior particular mudaria, uma vez que com entrada na instituição iriam se deparar com poucos alunos negros no ambiente acadêmico e um escasso desenvolvimento de discussões acerca de raça.

Segundo Guizzo *et.al* (2017), para que se haja construções e desconstruções de ideologias e pensamentos sobre os processos crescentes de exclusão social é necessário que se tenha ações dentro do ambiente escolar que fomentem discussões sobre temáticas relacionadas a identidade cultural de grupos sociais, aos movimentos e lutas existentes, além do próprio ensino da história e da cultura afro-brasileira. A construção de espaços de convivências étnico-raciais e práticas pedagógicas contribuem para a elaboração de pensamentos antirracistas que são importantes para desconstruir representações naturalizadas de raça criadas através de estereótipos e preconceitos que a sociedade como um todo reproduz.

Quando se há esses tipos de discussões sobre questões raciais que permeiam o meio social, anterior, a entrada no ensino superior acaba que o aluno a partir da sua inserção em uma instituição, comece a perceber alguns dos mecanismos que são estruturados e consolidados que podem prejudicar ou tornar mais difícil a vivência de estudantes negros no ambiente acadêmico. Esse contato maior com questões relacionadas a raça, antes da entrada no ensino superior, pode

⁵ Algumas frases dos entrevistados estarão sinalizadas em negrito devido a destaques que a pesquisadora achou relevantes.

se tornar importante para um olhar mais aprofundado sobre essas questões após a entrada na instituição de ensino superior.

Muitas das vezes pela dificuldade de entrar em uma universidade pública ou pela preferência por uma instituição particular, os estudantes acabam que buscando por bolsas de estudos nessas instituições, apenas um estudante sinalizou não ter se beneficiado por nenhuma ação afirmativa, pois tinha estudado em escolas particulares no ensino médio, sendo que o PF não conseguiu entrar com esse benefício por ter estudado em escolas particulares no ensino médio, sinalizando que gostaria de ter conseguido a bolsa pelo ProUni, uma vez que as despesas com mensalidade e os equipamentos foi muito alta durante toda a graduação “não teria como eu fazer o Prouni [...]. Eu não consegui, aí no oitavo período eu conseguir o FIES, aí acabei abdicando de muita coisa para pagar a faculdade, sabe?” (PF), recorrendo assim ao financiamento estudantil.

Nesse sentido, se possui uma percepção de que ações afirmativas com o ProUni é uma ferramenta bastante procurada, não somente por estudantes negros, mas por uma parcela de jovens negros que acabam tendo oportunidades maiores de entrar no ensino superior por meio desse benefício, já que muitas das vezes eles não podem arcar com as altas despesas que as instituições de ensino superior particulares demandam. O ProUni se caracteriza como uma ação afirmativa, porém ela não é destinada somente para estudantes negros, mas sim beneficia quem compõem o grupo social que utiliza da educação pública, logo o foco do ProUni não é a raça. Mesmo que não haja esse foco como principal, o programa acaba que beneficiando muitos estudantes negros que buscam por uma vaga em instituições de ensino superior particulares.

Lima (2019), descreve em sua dissertação que o ProUni por ser uma política pública de inclusão na educação, ele visa dar oportunidades aos estudantes negros, assim como aqueles que estão em camadas mais vulneráveis da sociedade, o ingresso em um curso superior, uma vez que por causa da própria desvantagem ou pelos próprios recursos esse acesso seria de certa maneira muito difícil, essa é a realidade de muitas pessoas negras e que moram em comunidades mais pobres, não possuindo na maioria das vezes recursos para a entrada no ensino superior como relata um dos entrevistados:

“Eu sou da periferia né? E é uma comunidade muito pobre mesmo e eu acho que eu fui umas das poucas pessoas que entrou na faculdade. Pessoas da minha comunidade raramente entram no ensino superior. **Então querendo ou não a gente serve como exemplo.**” (CF).

Logo é possível indicar que quando se possui a adoção de políticas públicas que visam o acesso do sujeito negro em uma instituição de ensino superior, existe uma certa reparação ou a compensação das desigualdades existentes no Brasil e garantir que os grupos mais excluídos possam ter acesso e meios de participar de todos os setores da sociedade seja ele social, econômico, cultural, institucional e educacional se torna muito importante para esses estudantes:

“Aí! Eu fiquei mega feliz, porque eu sempre queria, porque assim vários amigos meus não conseguiram entrar na faculdade e eu entrei logo, fui muito privilegiado de saber que eu tava em lugar, como a UNDB que é um espaço de maioria de pessoas brancas e ser um dos poucos negros da instituição. Então eu sempre me dedicava a tudo para nunca reprovar em nenhuma cadeira.” (RD).

“Para mim foi uma realização de sonho, porque eu sempre quis fazer Odonto, na minha cabeça eu nunca tive outro curso que eu quisesse fazer, aí eu pesei um ano fazendo cursinho, conseguir passar em enfermagem no mesmo ano que passei para Odonto. Eu passei em enfermagem pela UEMA e pra Odonto pelo ProUni na UNDB.” (MF).

“Cara, foi muito bom, foi um misto de felicidade com tristeza ao mesmo tempo. Felicidade na questão da realização de um sonho almejado e tristeza por causa do que falei, da pressão, de tá relativamente tarde quando comparado a maioria das pessoas...” (CF).

É interessante destacar o papel da família no incentivo tanto na entrada como na permanência desses estudantes no ensino superior, nas falas que trouxeram, quando perguntados como a família reagiu com entrada dos entrevistados no ensino superior MF, fala: “Ah foi muito bom, porque na minha família é uma meta os filhos... os irmãos da minha mãe sempre tiveram essa meta de que os filhos entrassem em uma universidade para se formar. Então, todo mundo ficou muito feliz”. Evidenciando que para a família, a entrada do filho no ensino superior é uma conquista muito grande e um sonho almejado para os componentes daquele ciclo familiar como descrito por RD ao ser perguntando como a família lidou com a sua entrada no ensino superior:

“Eles ficaram muito felizes né? Porque eu fui o primeiro da família a fazer Direito e era o sonho da minha família nunca tinha tido um advogado. E lá toda vez que alguém entra por ensino superior independente do curso é sempre muito comemorado por todos e já é uma vitória para a família então.”

Podendo refletir uma busca dessas famílias de fazer o possível para que seus filhos entrem em uma instituição de ensino superior e estudem como forma de valorização individual e de uma melhora da realidade vivida. Podendo destacar também uma certa obrigatoriedade por

parte de alguns pais para que os filhos entrem no ensino superior como destacado por RC quando perguntada também sobre como a família dela lidou com a sua entrada no ensino superior: “Normal, porque lá em casa a gente é obrigada a fazer ensino superior (risos) então se eu não fizesse (risos)... entendeu? É mais ou menos assim”, além de trazer também através das falas dos entrevistados uma realidade que ainda hoje é encontrada, onde a família deseja que a geração mais recente tenha acesso ao ensino superior, uma vez que eles não tiveram chances ou oportunidades de entrar, podendo destacar falas dos entrevistados que exemplificam essa realidade:

“Sempre teve muita expectativa até porque da família do meu pai ninguém teve acesso ao ensino superior e da minha mãe é só uma prima não há tanta proximidade assim, dá pra contar no dedo (risos). Então eles ficaram muito felizes com o meu interesse em ingressar, né? [...] que eu tinha essa cabeça de querer fazer uma graduação” (SF).

Isso destaca como na maioria das vezes os pais são os grandes incentivadores para que os filhos consigam entrar no ensino superior, já que eles por sua vez não tiveram o acesso a esse tipo de educação, Figueiredo (2015), aponta que esses pais possuem uma percepção de que através da educação se concretizem possibilidades de superação e sucesso profissional dos filhos, além de colocar o contexto familiar como fator crucial para o fortalecimento da iniciativa da entrada na universidade e posteriormente a manutenção desse estudante no contexto de ensino, somada também a disposição e autodeterminação deles próprios em conquistar o seu acesso e a sua permanência no ensino superior. A partir do momento que se concretiza o acesso ao ensino superior, expectativas são criadas de como será constituído esse percurso acadêmico e como se desenvolverá as relações com os outros alunos, professores e o próprio trajeto nesse ambiente.

4.2 Expectativas para o ensino superior e as discussões sobre questões raciais a partir das vivências no meio acadêmico

Com a chegada do estudante no ensino superior, muitas foram as expectativas que eles apresentaram, evidenciado diferentes emoções carregadas de percepções que foram construídas, a priori, a partir de vivências encontradas na família em relação ao ensino superior ou de suposições de como seria essa inserção no ambiente acadêmico, quando perguntado aos estudantes entrevistados quais eram as suas expectativas para a entrada no ensino superior, eles descrevem:

“Eu entrei com a expectativa baixíssima de não conseguir entrar na faculdade e eu ficava com medo de ser mais uma pessoa na minha família que não conseguiu ingressar, então parte da minha motivação e da minha expectativa era fazer com que os meus pais se sentissem minimamente orgulhoso e tudo mais, mas isso mudou com o tempo de eu me sentir mais confortável nesse ambiente.” (SF).

“Não tinha muitas, eu sabia que tinha que estudar para entrar. Só que aqui (faculdade) a gente tem mais noção”. (RC).

“Olha eram muitas, eu passava o dia olhando esses dentistas blogueiras pra mim ver como era, como era o dia a dia na faculdade aí eu só queria entrar mesmo, não tinha muita expectativa sonho assim, era só vontade de entrar mesmo”. (MF).

“Eu sinceramente entrei sem muita expectativa, ainda mais por eu ter tido essas experiências frustradas anteriormente e eu nunca fui muito um aluno extremamente estudioso eu sempre tive muita dificuldade. [...] E aí eu fiquei com um pé atrás, as experiências nas escolas não eram muito boas, no meu ingresso no ensino superior também que eu desistir, essas e outras diversas questões. Eu fui meio que “A cara vamos ver” espero que der certo, mas não vou criar mais uma expectativa, porque vai que seja mais uma frustração.” (CF).

Podendo destacar como as expectativas de cada estudantes foram diferentes e únicas que se constituíram através do que sabiam sobre o ensino superior, por meio da família, amigos e até mesmo o que o meio social demonstrava para esses estudantes, como explica Oliveira *et.al* (2016), que o ingresso no ensino superior acarreta novas responsabilidades e traz mudanças para a vida desses indivíduos e por causa disso, essas mudanças geram expectativas nos estudantes que irão começar a frequentar o ensino superior, já que eles começam a imaginar como se dará o relacionamento com os professores, colegas de classe e também como eles lidarão com as demandas que a própria instituição estabelece durante todo o percurso acadêmico, podendo ter dificuldades e facilidades ao longo de sua jornada acadêmica e relacionado a isso foi perguntado aos estudantes entrevistados se tiveram alguma dificuldade quando entraram na UNDB e se existiu alguma facilidade também, e assim pode-se se destacar dois entrevistados que descreveram as dificuldades e facilidades, respectivamente:

“O meu maior choque foi lidar com pessoas com classes econômicas diferentes [...] Então a minha maior dificuldade era no sentido financeiro pra ser bem exata e de encontrar pessoas com que eu me identifique, né? Eu sempre fui assim retraída de me enturmar com outras pessoas, principalmente pessoas que tem uma classe social a mais, eu acho que esse é o peso maior de tu ver as pessoas tendo acesso a outras coisas com muita mais facilidade e tu ter que ralar pra caramba pra conseguir o mínimo daquilo” (SF).

“Tem uma questão que eu percebo que é a questão do... como é que eu posso dizer? Quando eu entrei eu fiz amizade com um menino e ele tem a condição socioeconômica mais baixa que a minha e ele sempre teve dificuldade e eu reconheço que são dificuldades maiores que as minhas até porque eu não me considerando uma pessoa que vive em uma condição que não dar pra viver, eu vivo bem. **Só que em muitos**

aspectos eu ainda tenho que ralar, mas eu vejo que outras pessoas têm que ralar bem mais que eu (risos) e aí entra aquela questão de tu se identificar como preto, como pardo e tudo mais e ele tem a pele mais escuro, então eu percebia que tudo ali pra ele era tratado de uma maneira diferente, né? Ele tinha que ser duas vezes mais do que as outras pessoas e até mais que eu...” (SF).

“Quando eu entrei eu achei que... não pensando em desistir, **mas achei que não ia achar nem um grupo da faculdade na minha sala de muita gente branca e já se conheciam do berço e eu não me via sendo amigo deles, mas em compensação aos poucos eu também fui conhecendo alunos que eram bolsistas do PROUNI e eu acho que isso sempre acontece na UNDB, devido ao acesso ser igual acaba que tendo mais afeto pelo outro** e aí eu me encontrei, até hoje eu tô com os meus amigos são 7 pessoas, nosso grupinho. Eu consigo ver poucas pessoas negras, por exemplo, nas áreas da saúde ou da administração que estudam pela manhã ou a tarde e me sinto incomodado, a maioria que vejo é só de pessoas brancas, **claro que quando a gente chega em lugar (ensino superior) a gente quer encontrar o nosso semelhante e quando a gente não olha o nosso semelhante ficamos um tanto frustrado, “Poxa será que eles tiveram acesso à educação? Será que as pessoas que estão no meu bairro e ao meu redor não podem ter esse acesso?”** Tu para e pensa assim, eu fico muito reflexivo nessa questão.” (RD).

Acho que a facilidade foi... como eu pratico muito esporte e isso foi fundamental para mim, eu entrei de cara na Atlética e todo mundo de cara gostou de mim, porque eu jogava muitas modalidades e era muito chamado para jogar [...] **acho que a Atlética foi fundamental, assim no segundo período eu nem falava muito com o pessoal da minha sala e na atlética eu comecei a falar com todo mundo e de vários períodos, foi um meio de socialização e inserção social mesmo.**” (RD).

Nos dois relatos que os estudantes destacaram quando perguntados sobre as dificuldades que encontraram, a questão raça foi algo em comum na fala dos dois, uma vez que eles colocam a inserção do ambiente acadêmico da UNDB como um choque pelo fato do corpo acadêmico da instituição ser composto majoritariamente de pessoas brancas e de poucas pessoas pretas, além das questões relacionadas a classe que um deles destacou bem “o meu maior choque foi lidar com pessoas com classes econômicas diferentes [...] e encontrar pessoas com que eu me identifique” (SF), além da dificuldade advinda de poucas pessoas pretas na instituição de não se sentirem representados como dito por RD “claro que quando a gente chega em algum lugar (ensino superior) a gente quer encontrar o nosso semelhante e quando não olhamos o nosso semelhante ficamos um tanto frustrado” e perceber esses tipos de situações no ambiente acadêmico leva os estudantes a refletir do porquê isso ainda acontecer, do porquê muitas pessoas tem muitas facilidades em ter acesso as coisas mais simples e outras precisam ralar o dobro, triplo para conseguir e o motivo que esse acesso à educação não chega para todas as pessoas independente de classe, raça, gênero etc. São questões que permeiam a vivência desses estudantes negros na instituição de ensino superior, ainda mais se considerar que a UNDB apresenta esse caráter mais elitista e embranquecido na sua composição discente e docente, como relatado pelos próprios entrevistados.

Quando se fala das facilidades que eles encontraram após a inserção na UNDB, interessante destacar como nos dois casos tiveram relação com a interação com outras pessoas no próprio ambiente acadêmico, mesmo que tenham sentidos diferentes, uma vez que SF coloca a questão de ter uma coloração de pele mais clara dava a ela mais vantagem, já que ela percebia que as pessoas tratavam ela diferente do que tratavam o amigo dela que tinha a pele mais escura e de como ele precisava se esforçar duas vezes mais do que ela para tentar ser aceito naquele ambiente, colocando em pauta novamente a dificuldade que é ser um aluno preto dentro de instituições onde existem em sua maioria alunos brancos, podendo gerar segregações e comportamentos de exclusão da pessoa preta de atividades sociais dentro de grupos da própria academia.

Já quando se fala das facilidades que o RD encontrou, ele exemplificou sobre a dificuldade de conseguir se enturmar na sua sala, por ele perceber que a maioria das pessoas que estavam ali eram pessoas brancas e que já se conheciam desde pequenos, pode até ser que os alunos não estivessem o excluído daquele ciclo social, mas quando se tem uma pessoa nova, pelo qual você não está acostumado a ver naquele ambiente, as pessoas podem começar mesmo que indiretamente a afastar ela do seu próprio ciclo social que está junto desde sempre e também pela a pessoa não ser “semelhante” a elas como ele próprio destaca em sua fala, entretanto ele conseguiu se aproximar das pessoas que ali estavam na mesma situação que ele e que tiveram o mesmo meio de acesso ao ensino superior, pela bolsa do ProUni, e como ele se encontrou naquelas pessoas e conseguiu fazer amizades que leva até os dias atuais, além disso ele também fala como entrar para a Atlética⁶ do Centro Universitário foi essencial para a sua socialização e interação com outras pessoas do curso e da própria instituição e por ele já praticar vários esportes deu a ele essa facilidade de encontrar e interagir com pessoas nesse ciclo social.

O acesso ao ensino superior é apenas uma das etapas desafiadoras que os estudantes negros enfrentam nesse meio acadêmico, como relata Santos (2017), que para uma grande parte dos estudantes quando entram no ensino superior é marcado pelo estranhamento, uma vez que se trata de uma mundo distante e distinto do seu, e eles experimentam uma sensação de não pertencimento ao espaço acadêmico, ressaltando também os tratamentos indiferentes, discriminatórios ou mesmo estigmatizantes dos colegas da turma, podendo aparecer de diversas

⁶ A atlética é um tipo de associação que podem ser encontradas dentro do ambiente acadêmico, onde possui por finalidades à prática de esportes, fomento de eventos e festas, além de ações de caráter social voltada para a própria comunidade de residência da atlética.

formas seja através de olhares, comentários e até chegando a recusar a participação de grupos em trabalhos, além de poder acontecer até perante aos professores, onde alunos negros podem se sentir duplamente testado e sendo necessário provar que são melhores, como exemplificado por (RD), quando fala sobre uma situação que ele passou assim que entrou na instituição:

“[...] aconteceu **uma vez que a professora me mandou “procurar estudar”, assim só pra mim**, porque eu tirei nota baixa e eu mostrei para ela o que eu era capaz e tirei uma nota alta na P2, eu tirei 9.6, pois é eu tirei apenas uma nota ruim e ela me mandou simplesmente estudar e eu me sentir muito mal com isso e ela não falou isso pra nenhuma outra pessoa.” (RD).

“Eu não sei se foi por mal intenção ou se foi por outras coisas, eu só sei que eu me sentir mal, mas eu perseverei e fui lá e estudei e tirei a maior nota da turma na P2 e ela até me parabenizou na frente de todo mundo, assim meio que se redimindo dela ter duvidado da minha capacidade, mas coisas como essas devem acontecer a todo momento na faculdade não só no curso de Direito.” (RD).

Esses tipos de situações pode provocar, nos estudantes, sentimentos de não pertencimento, se veem humilhados, ressentidos e pode até provocar sensação de inferioridade, o que leva a refletir sobre alguns fatores que são provocadores disso como a instituição ser elitista, a invisibilidade da temática raça nas disciplinas estudadas no ambiente acadêmico e a presença majoritária de pessoas brancas tanto no corpo discente como no docente (SANTOS, 2017), sendo uma pauta questionada quando se perguntou aos estudantes entrevistados se eles se sentiam representado no corpo discente e docente e eis as respostas a isso:

“**Cara, a gente sabe que no termo de representatividade, a gente enquanto país de maioria negra, a gente sabe que a gente não ocupa todos os espaços né? Principalmente no que diz respeito a instituições de ensino superior.** E no caso eu acho que o único professor negro foi Lilia (Professora da disciplina Libras) né? [...] Sim, exato Ana Letícia. (Professora de Psicologia) É complicada essa falta de representatividade, até em alunos também eram poucos, talvez pela faculdade ser particular, elitizada e isso já afeta nos alunos para o acesso sabe?” (CF).

“[...] tem poucos professores negros. [...] **na minha turma tem pouquíssimas alunas negras, acho que de 50 alunos 4 ou 5 são negras** na turma e de professores também tem pouquíssimos que só consigo me lembrar de um.” (MF).

“Não, não tinha nem um professor negro [...], tem uma professora que ela chegou já na metade do curso [...] lembro que passei na sala e vi ela dando aula, aquilo me deu um negócio assim tão... eu não sei explicar e me deu um negócio tão... e eu fiquei caramba, nunca tinha visto isso e eu fiquei nossa... é uma coisa que fico logo emocionado, foi um negócio assim que eu não consigo nem explicar, sabe? Não sei se tu entendeu e fiquei “que massa isso”. E hoje ela é simplesmente o nome da nossa turma, sabe? **Falo pra ela que eu nunca me sentir tão representado na minha vida**, por ter ela como o nome da nossa turma e meus Deus ela é maravilhosa, ela tava comigo na minha primeira clínica, sabe?” (PF).

“[...] quando eu entrei aqui na UNDB foi a mesma coisa onde eu percebi que em grande parte são pessoas brancas e eu até brincava **“nossa dava pra contar preto aqui no dedo” (risos), né?** E eu acho que isso dar uma desanimada também até tu pensando em outras coisas nesse meio, né? Porque até então tudo o que eu queria fazer, por exemplo, eu tinha muita vontade de ser pesquisadora, mas eu não queria estar nesse meio rodeado de pessoas brancas eu queria alguém que eu pudesse trocar uma ideia, sabe? Um pouco minimamente parecida ou que aquela pessoa compreendesse aquela minha realidade e a realidade do outro.” (SF).

“É até uma crítica que eu faço a UNDB, já até levei para o grupo de pesquisa e cobrei do meu coordenador sobre... porque ela é uma instituição muito elitista, porque assim se eu tive três professores quatro pretos no Direito, foram poucos e não só na questão de professores, mas na questão da didática mesmo. **Eu acho pouco representado nesses espaços, até porque nós somos maioria no país, a gente não deveria ser minoria nesses espaços e quando se ver somos as minorias.**” (PD).

“**Não, o corpo docente do Direito, na verdade, tá vindo agora com a entrada de professores negros, lá no começo só tinha um o Thiago Viana. Agora tem uma mulher negra que é a (nome da professora), entendeu? Então eu não me sentia... nem na sala eu acho que tinha... no começo quando eu entrei só tinha eu e uma amiga minha.** [...] Acho que eu já esperava isso de uma faculdade como a UNDB ou o CEUMA também que são faculdades particulares e tal” (RC).

A partir do que foi relato por todos os entrevistados não se houve o sentimento de representatividade quando chegaram na instituição de ensino superior, seja pelo número muito pequeno de professores negros nos cursos que escolheram, mas também pela pouca representatividade no próprio corpo docente, já que eles não conseguiam se ver nas outras pessoas daquele meio social acadêmico e essa vivência trouxe questionamentos para esses estudantes, uma vez que se a população negra é estatisticamente maior em termo populacional no Brasil, então porquê que quando se depara com alunos e professores de uma instituição de ensino superior particular ainda se apresenta um quantitativo muito pequeno de pessoas inseridas nesse contexto, além de que a partir do momento que você se enxerga em outra pessoa que é parecida com você e estar em uma posição de poder, você se sente representado como bem falado pelo PF, como o primeiro contato com a professora dele negra de odontologia ele nunca se sentiu tão representado na vida “ Falo pra ela que eu nunca me sentir tão representado na minha vida, por ter ela como o nome da nossa turma e meus Deus ela é maravilhosa, ela tava comigo na minha primeira clínica, sabe?”.

Reforçando assim a importância de ter pessoas negras nos ambientes acadêmicos, de inserir e dar meios para que alunos e professores negros ocupem esses espaços que na sua grande maioria é composta majoritariamente por alunos e professores brancos. Nesse sentido, o simples fato desses estudantes estarem ocupando esses espaços no ambiente acadêmico da UNDB gerou

representatividade e foi algo que os entrevistados ao serem perguntados se sentem como exemplo afirmaram:

“Me sinto, pelo menos no espaço que vivo (risos) no que sempre vivi é ironicamente da rua eu fui a única que entrou, os adolescentes estão no ensino médio outras pessoas que poderiam entrar, **infelizmente foram para outros caminhos** e isso é uma das coisas que me deixa muito triste, porque **a primeira pessoa com quem eu conversei sobre isso se sentiu apoiada e encorajada de tentar, né? E eu penso que se você conseguir entrar nesse espaço e conversar com outras pessoas que antes de tentar já desistiram pelas dificuldades que tem pelo caminho já é uma coisa. Então, eu me sinto representativa para essas pessoas**” (SF).

“Eu me sinto, porque quando eu cheguei aqui na instituição em 2018 **eram muito poucas pessoas que debatiam sobre esse tema e eu sempre quis mostrar a minha vivência e mostrar para as pessoas sobre isso** e sempre busquei isso na faculdade, tanto que entrei no projeto Direito Negritude.” (RD).

Além disso, não basta apenas dar acesso à estudantes e professores negros no ensino superior, mas colocar em pauta questões que irão fazer refletir o corpo discente e docente para assuntos ligados a raça, não adianta só abrir espaço para inserir os estudantes negros e não discutir com esses alunos e com os que são maioria desse meio acadêmico como se dão as construções e estruturas da nossa sociedade quando se fala da população negra e o seu escasso acesso aos diferentes tipos de instituições e camadas da sociedade. Nesse sentido, foi perguntado a eles se eles acreditavam que questões relacionadas a raça são importantes para serem discutidas no ambiente acadêmico e assim responderam:

“Sim, muito muito, não só na instituição, mas em toda sociedade, porque o racismo no Brasil é estrutural e deve ser debatido. E a universidade como lugar formador de profissionais é o ambiente para se debater... se não o ambiente mais certo para se debater esse sistema.” (RD).

“Sim. [...] Principalmente no sentido de não deixar com que isso fique só na citação “Ah tem que falar, tem que falar”, mas não fala, tipo eu tive uma experiência de ter contato com aquela disciplina de História Afro-brasileira e tudo mais, foi a primeira desde o ensino médio até hoje que eu tive contato com uma disciplina que abordassem essa temática, entendeu? Mas assim não é uma coisa que eu vejo de maneira frequente ainda pelo menos de quando eu comecei até aqui, é uma coisa muito falada entre amigos sim, mas em sala ou na própria instituição eu penso que é algo que deveria se expandir e de ter uma visibilidade maior” (SF).

“Demais, principalmente em uma faculdade com a nossa que é uma faculdade particular que em sua maioria é branca e acaba que vivendo em uma bolha e sendo deslocada da realidade por ser de uma classe mais alta e nem tem consciência disso e na faculdade é essencial que aborde sobre essas questões pra tentar conter esses preconceitos e estereótipos.” (CF).

Evidenciando que as instituições de ensino superior, principalmente particulares, ainda precisam caminhar quando se fala de discussões a respeito de temáticas raciais, pode ser

explicado pelo pequeno corpo docente formado por professores negros dentro dessas instituições, como a falta da própria universidade de fomentar e apoiar projetos que tenham essa premissa, além da própria grade curricular que é estruturada para privilegiar autores homens, brancos e europeus, como discutido por Ferrari; Tarasiuk (2019), onde descrevem sobre os grupos criados por estudantes negros na USP que servem como espaços de acolhimento, de compartilhamento e de luta, tendo assim o desafio de mostrar que a universidade precisa se organizar para se constituir como um local de e para todos.

4.3 O acesso a instituições de ensino superior e as transformações existentes nesse processo

O processo de entrar em uma instituição de ensino superior não é fácil, principalmente quando se fala de jovens negros que estão buscando por esse acesso, a partir do momento em que se faz presente nesses ambientes, ele começa a perceber mecanismos estruturais que poderão fazer com que ele entre em contato com realidade existentes na sociedade no geral, falta de representatividade, acesso escasso para estudantes negros que queiram entrar nas instituições de ensino superior, situações dentro do ambiente acadêmico que são discriminatórias e segregadoras, além da falta por disciplinas, projetos, eventos que abordem sobre temáticas relacionada a raça. Entretanto não tem como não afirmar como a vivência no ensino superior provoca nessas jovens mudanças que vão além das questões relacionada a raça, uma vez que a partir do momento que somos inseridos em um ambiente social diverso com pessoas, vivências e opiniões diferentes isso pode levar a transformações desses estudantes. Assim quando perguntados se o ensino superior provocou alteração na pessoa que o estudante se tornou, os entrevistados afirmam:

“Sim. [...] eu me percebo muito mais madura de quando eu entrei, por um lado eu penso que talvez eu tenha amadurecido muito precoce (risos), devia ter esperado um pouquinho mais, **mas por outro lado eu acho que as vivências tipo tudo o que tu passa vai causando alguma coisa em ti, porque são coisas que te atravessam todos os dias e a gente e passa por cada coisa que eu me vejo uma pessoa muito mais politizada**, eu me vejo como uma pessoa muito mais interessada em compreender coisas que eu não conhecia, por exemplo, se tu me perguntasse uns aninhos atrás sobre raça, sobre sabe? Eu não saberia te responder, porque isso não era uma coisa conversado, simplesmente não era. Então eu percebo que a questão de eu falar mais sobre esses assuntos e de eu querer conhecer mais é uma coisa presente que é fruto da pesquisa é o ambiente que faz com que tu te perceba assim.” (SF).

“Sim, na minha perspectiva de enxergar o mundo com outros olhos, mais maduro assim em relação a esse contexto social, a deficiência de pessoas negras a frente de grandes cargos, sabe?” (PF).

“Demais, só o fato de eu não tá sendo um cara de direita, anti-vacina (risos) já é uma prova. **Por mais que eu já tivesse essa concepção de ser de esquerda a faculdade me ajudou a solidificar esse terreno, deixando mais solida essa base.** [...] Acho que a questão da motivação, como eu disse no começo eu tinha muitas inseguranças então essa vivência e o **fato das pessoas não esperarem isso e eu mostrar que sou capaz** e isso modificou demais a minha vida quando eu tiver no mercado de trabalho eu vou lembrar disso.” (CF).

Como destacados pelos estudantes entrevistados a entrada no ensino superior provocou alterações nas pessoas que eles eram, colocando assim uma responsabilidade nas instituições de ensino superior como edificador de mudanças na vida de seus alunos. Dias-Sobrinho (2015), coloca essa responsabilidade de conseguir formar indivíduos-cidadãos que tenham valores cívicos, conhecimento técnico e científicos relevantes e socialmente pertinentes nas instituições educativas, ou seja, para o autor as instituições de ensino superior devem construir diretrizes para o desenvolvimento da consciência crítica, além de dar condições favoráveis ao desenvolvimento desses estudantes e que impactará diretamente na sociedade. E isso se faz presente também na percepção desses estudantes em relação a como o ensino superior pode ser um agente de transformação para a vida do indivíduo que se faz presente nesses contextos:

“Como eu falei toda a questão do desenvolvimento humano que essencial para desconstruir paradigmas, estereótipos que a gente traz do berço, de casa. Então a faculdade ajuda muito a refletir melhor sobre as coisas, ver além do que estar ao seu redor e enxergar o que tá além da gente.” (CF).

Mesmo que acreditem que o ensino superior pode provocar transformações na vida do indivíduo é possível destacar a partir de algumas falas dos entrevistados como o próprio sujeito precisa querer ser parte dessa mudança como PF descreve: “[...] na verdade acho que isso é muito pessoal, se a pessoa quiser na verdade fazer mudança na vida dela, com certeza vai fazer sem dúvida nenhuma” remetendo uma certa noção de que basta querer e se esforçar e as mudanças irão acontecer, entretanto para algumas pessoas que não possuem recursos, estímulos e nem incentivo isso pode não ser uma tarefa fácil. Além disso, essas transformações não necessariamente são encontradas apenas no ambiente acadêmico como afirma SF:

“[...] **não que seja extremamente obrigatório passar por toda essa transformação só numa faculdade, imagina?** Mas eu acho que dependendo do que tu almeja, **porque veja desde que eu entrei até aqui eu pretendo mudar de realidade, entendeu? Eu quero ter condições melhores,** eu não quero ter que passar por

dificuldades por um longo tempo, mas eu penso sim que existe mudanças tanto naquilo de pensar no futuro como na individualidade.”

Logo a passagem pelo ensino superior pode contribuir para a construção da subjetividade desses jovens universitários levando em consideração as questões de raças que atravessam esses ambientes, além de outras questões que eles encontram dentro do ambiente acadêmico, uma vez que o entendimento da subjetividade com descrito por Jesus; Costa (2017), como um dos fatores que caracterizam a singularidade humana e que se possibilita o indivíduo se torna humano, se expressar a partir de suas singularidades e se relacionar com o mundo interno e externo por meio de saberes, afetos, raciocínio entre outros. Nesse sentido, a entrevista foi finalizada perguntando a cada um dos participantes se eles são as mesmas pessoas de quando entraram no ensino superior:

“Não, porque a gente entra com uma cabeça na faculdade e fica totalmente diferente e eu me desenvolvi de várias formas no ambiente acadêmico, a gente ganha conhecimento, a gente convive com pessoas diferentes e a gente ganha várias experiências. Eu acho que ninguém que entra na universidade sai do mesmo jeito e como a gente tá sempre em processo de mudança e transformação. Então eu acho que mudei bastante.” (RD).

“Não.. [...] Ainda bem (risos), porque eu me acho muito mais pé no chão hoje, sabe? Porque eu era muito uma menininha e tinha medo de tudo, hoje eu ainda tenho medo, claro (risos), mas hoje eu consigo continuar caminhando, eu acho que esse é o ponto, continuar caminhando mesmo que tenha que passar por muita coisa” (SF).

“Não são [...] Como eu te falei, querendo ou não Graças a Deus foi tudo um processo de mudança constante do ser humano, sabe? Permanecer o mesmo é muito... Não falo que pedi todas as minhas essenciais, mas hoje eu tenho objetivos que focam na minha carreira profissional, o bem-estar da minha família, no futuro da minha irmã agora que tá entrando na faculdade, sabe? Eu quero dar pra ela as oportunidades que eu não tive na graduação, eu nunca conseguir um estágio, apesar de ter amigos do meu pai que tem consultório e tal e que me deram balão, eu não quero que ela passe por isso que eu passei, sabe? São experiências que são muito gratificantes e validas durante o processo de graduação com certeza.” (PF).

“É uma diferença enorme, são duas pessoas totalmente distintas, como eu sempre falo o curso de psicologia de modo geral tu raramente tu vai sair da maneira que tu entrou [...] Então mudar essa visão de mundo, a ter mais empatia, de tentar se colocar no lugar do outro, de tentar romper essa bolha de estereotípicos e paradigmas. Então aquele Carlos de 2017 para o de agora é um totalmente diferente.” (CF).

A partir das respostas pode-se perceber como eles se transformaram durante esses anos de graduação e como eles conseguem ver esse processo de mudança muito claramente, partindo assim de uma construção e implemento de sua subjetividade enquanto estudantes negros do ensino superior e como futuros profissionais. Em resumo, o ensino superior provoca mudanças na vida indivíduo em geral, principalmente quando se fala de estudantes negros que conseguem o acesso e melhor ainda quando conseguem permanecer e já estão terminando e

finalizando essa jornada que é a graduação, pois colocar a juventude negra nesses espaços é dar oportunidade para ele se desenvolverem enquanto profissionais e como pessoas que querem viver em uma sociedade mais justa e igualitária. Como relatado durante toda a pesquisa muitos poderão ser os desafios, obstáculos e dificuldades durante a vivência dentro da instituição de ensino superior, uma vez que ela se faz como espelho da sociedade que ainda é muito injusta, preconceituosa e estigmatizada, mas que é possível lutar contra essas opiniões e comportamentos e transformar a partir do conhecimento e da construção pessoal de cada estudante negro essa realidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscou-se compreender como que o ensino superior pode provocar mudanças na construção da subjetividade de jovens negros que estão cursando o ensino superior por meio de suas vivências em uma instituição particular, levando em consideração como as questões relacionadas a raça permeiam esses ambientes e provocam percepções diferentes em cada um deles. O processo de conquista do acesso ao ensino superior por jovens negros, a partir do contexto histórico, não se deu de forma simples e nem rápida, uma vez que existe todo um sistema que privilegia estudantes brancos e coloca em evidência a não equidade de acesso para quem escolhe entrar em uma instituição de ensino superior, em especial quando se fala nos estudantes negros.

Interessante analisar como o processo de luta por um acesso mais igualitário impactou diretamente no fomento e produção de políticas públicas que puderam se apresentar como ferramentas muito importantes para que a parcela de jovens que não conseguiram entrar no ensino superior pelas desigualdades existentes e por escolha própria, pudessem ter o acesso as essas instituições de ensino superior. Cabe aqui ressaltar que foi percebido durante a pesquisa como existe desafios que esses jovens negros enfrentam mesmo após a sua entrada no ensino superior, já que por um lado, existiu o impacto de encontrar muitas pessoas diferentes em classe e cor no ambiente acadêmico particular e, por outro, por ser evidenciado algumas questões de caráter raciais e principalmente a falta de representatividade no contexto acadêmico.

Durante a pesquisa foi comprovado por meio das respostas dadas pelos jovens, a partir de suas vivências, como o ensino superior contribuiu para mudanças em suas vidas e lhe trouxe outros tipos de perspectivas, seja pela possibilidade de alcançar melhores oportunidades de carreira até a mudança da realidade vivida por eles, entretanto cabe também destacar que não é apenas o ensino superior que pode provocar essas transformações na subjetividade do indivíduo negro, tendo em vista que o sujeito é um ser social que a todo momento estar em contato com o seu ambiente e com o outro e nesse processo já existe muitas transformações que impactam na sua subjetividade.

Nesse sentido, essa pesquisa se finaliza com uma problematização em relação ao acesso a instituições de ensino superior particulares, não basta apenas proporcionar a oportunidade de acesso, é necessário que dentro das instituições existam projetos, pesquisas e intervenções que abarquem os estudantes negros e coloquem tanto eles quanto os outros estudantes da instituição a refletir e pensar sobre as questões raciais, compete também as

instituições de ensino superior juntamente com seu corpo profissional dar incentivo para a criação de grupos de apoio para estudantes negros que estão ingressando ou por algum tipo de ação afirmativa ou de maneira individual, esses grupos podem ser extremamente úteis para o sentimento de pertencimento entre os estudantes negros participantes e fomentar diferentes discussões sobre raça no próprio meio acadêmico. Além disso, é necessário que exista representatividade no corpo docente e discente para que ao chegar no ensino superior, os estudantes negros, consigam se espelhar e ver pessoas e profissionais negros em posições de protagonismo.

REFERÊNCIAS

- BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos Narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público (TESE)**. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-18062019-181514/publico/bento_do_2002.pdf. Acesso em: 03 Out. 2021.
- BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- CAREGNATO, Célia Elizabete; MIORANDO, Bernardo Sfredo; RAIZER, Leandro; PFITSCHER, Ricardo Gausmann. Desigualdades encadeadas no sistema educacional brasileiro: estratificações entre os níveis médio e superior da educação. **Praxis educativa: Rio Grande do Sul**, v 14, n.2, p. 469-486, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/894/89460358004/html/>. Acesso em: 03 Out. 2021.
- CRUCES, Alacir Vila Valle. A pesquisa na formação de psicólogos brasileiros e suas políticas públicas. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**: São Paulo, 2008, v.28 n.2, p. 240-255, 02/08. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v28n2/v28n2a12.pdf>. Acesso em: 07 Abr. 2021.
- FERNANDES, Viviane Barboza; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiro**: São Paulo, 2016, n° 63, abr, 2016. p. 103-120. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/Qxn7Fj4Q5d73gGYsQKHj4s/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 10 nov. 21.
- FERRARI, David; TARASIUL, Karina. **Coletivos ajudam estudantes negros na busca de representatividade e acolhimento na USP**. Jornal da Universidade de São Paulo (meio eletrônico), 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/coletivos-ajudam-estudantes-negros-na-busca-de-representatividade-e-acolhimento-na-usp/>. Acesso em: 06 nov. 2021.
- FIGUEIREDO, Alice Cristina. **Processos de integração e afiliação à vida acadêmica de estudantes de camadas populares no contexto de expansão universitária**. 2015. Orientadora: Maria José Braga Viana. Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-9V5R3V>. Acesso em: 05 nov. 2021.
- FRANCISCO, Maria Cristina. O corpo nas Relações Raciais: subjetividade na interrelação entre negros e brancos. **Revista latino-americana de Psicologia Corporal**. n. 8, p. 179-202, Outubro/2019. Disponível em: <http://psicorporal.emnuvens.com.br/rbpc>. Acesso em: 03 Out. 2021.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa**. Cadernos de Pesquisa, n. 116, julho/ 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/KnJW3strdps6dvxPyNjmvq/?format=pdf>. Acesso em: 11 nov. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008. p. 27-28; 49-57.

GONÇALVES, Renata; AMBAR, Gabrielle. A questão racial, a universidade e a (in)consciência negra. **Lutas Sociais**: São Paulo, 2015, v.19 n°34, p. 202-213, jan./jun.

GUIZZO, Bianca Salazar; ZUBARAN, Maria Angélica; BECK, Dinah Quesada. **Raça e gênero na educação básica**: pesquisando ‘com’ crianças. *Acta Scientiarum. Education* v.39 n.5 Maringá jan./dez. 2017. Disponível em: 10.4025/actascieduc.v39isuppl.29311. Acesso em: 28 out. 21.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agro 2017**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece.html>. Acesso em: 12 nov. 21.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. - Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, 2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2569.pdf. Acesso em 03 Out. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2019** [recurso eletrônico]. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2021. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2019.pdf. Acesso em: 22 set. 2021.

JESUS, Laís de; COSTA, Mônica. Impactos do racismo na subjetividade de indivíduos negros. **SER Social**: Brasília, v. 19, n. 41, p. 314-335, jul.-dez. 2017. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/14942/13261. Acesso em 06 nov. 2021.

JUNIOR, João Feres; DAFON, Verônica Toste. **Políticas da Igualdade Racial no Ensino Superior**. Rio de Janeiro: Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, 2014 n° 5, p.31-43.

LIMA, Evaldo Lourenço de. **O direito à educação superior da juventude negra**: um estudo do Programa Universidade para Todos na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. 2019. Orientador: Fernanda da Silva. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Direito. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/6792>. Acesso em: 30 out. 21.

LUCENA, Francisco Carlos; LIMA, Jorge dos Santos. **Ser negro**: um estudo de caso sobre “identidade negra”. *Saberes*, Natal: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação, v. 1, n 2, p. 33-51, out, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/583>. Acesso em: 09 Set. 2021.

MARTINS, Edna; SANTOS, Alessandro de Oliveira; COLOSSO, Marina. Relações étnico-raciais e psicologia: publicações em periódicos da SciELO e Lilacs. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, 15(3), 118-133. São Paulo, SP, set.-dez. 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v15n3/09.pdf>>. Acesso em: 02 Out. 2021.

MOCELIN, Cassia Engres; MARTINAZZO, Celso José; GUIMARÃES, Gleny Terezinha. **A trajetória histórica da constituição do marco legal das ações afirmativas**. Vitória: Argumentum. V. 10, n. 1, p. 293-308, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6546004>. Acesso em: 04 Dez. 2021.

MOREIRA, Ana Regina de Lima; DUTRA, Elza Maria do Socorro. Compreendendo experiência do Sofrimento de mulheres na relação amorosa. **Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies – XIX (1)**: 3-11, jan-jul, 2013.

NUNES, Denise Spilere; ESTEVAM, Dimas de Oliveira. **A formação Superior como instrumento de ascensão social**: um estudo de caso dos egressos do curso de economia da UNESC. VI colóquio internacional sobre gestão universitária na américa do sul: Blumenau, SC, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/74640/t0109.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 02 Out. 2021.

OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de; SANTOS, Anelise Schaurich dos; DIAS, Ana Cristina. **Expectativas de universitários sobre a universidade**: sugestões para facilitar a adaptação acadêmica. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v. 17, n. 1. jan.-jun. 2016. p. 43-53. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v17n1/06.pdf>. Acesso em 06 nov. 2021.

PACHECO, Jairo Queiroz; SILVA, Maria Nilza da Silva (orgs.). **O negro na universidade**: o direito a inclusão – Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2007. p.160.

PASSOS, Joana Célia dos. **Juventude negra na EJA [tese]**: os desafios de uma política pública. 2010. Orientadora: Vânia Beatriz Monteiro da Silva. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós- Graduação em Educação - Florianópolis, SC, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/93904/281955.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 06 mar. 2021.

PIZA, Edith; ROSEMBERG, Fúlvia. Cor nos censos brasileiros. In: CARONE, Iray; Bento, Maria Aparecida (orgs). **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 91-120.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013. p. 13-141.

SANTOS, Dyane Brito Reis. Curso de branco: uma abordagem sobre o acesso e a permanência de estudantes de origem popular nos cursos de saúde da universidade federal do recôncavo da bahia (UFRB). **Revista Contemporânea de Educação**, vol. 12, n. 23, jan/abr de 2017. p. 31-50. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article>. Acesso em: 06 nov. 2021.

SANTOS, Elisabete Figueroa; SCOPINHO, Rosemeire Aparecida. **Desigualdades Raciais, Mérito e Excelência Acadêmica:** Representações Sociais em Disputa. *Psicologia: Ciência e Profissão* Abr/Jun. 2016 v. 36 n.2, 267-279.

SCHUCMAN, Lia Vainer; GONÇALVES, Monica Mendes. **Raça e subjetividade:** do campo social ao clínico. *Arq. Bras. Psicol.*: Rio de Janeiro, 2020, v 72 (no.spe.) p. 109-123. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v72nspe/09.pdf>. Acesso em: 02 Out. 2021.

SILVA, Eliane Cristina; VALORE, Luciana Albanese. A educação e ascensão social: produção de sentidos nos discursos de egressos de um programa social da iniciativa privada. **Psicologia em Revista:** Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 176-198, jan. 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v25n1/v25n1a11.pdf>. Acesso em: 02 Out. 2021.

SILVA, Lindomar; Montenegro, Ana Beatriz; DIAS, Luciana Costa; CASTRO, Miguel Angel. Educação superior, mobilidade social e expectativa profissional: análise à luz da sociologia da educação. **Gestão & Planejamento:** Salvador, v 16, n 1, p. 58-75, jan/abr. 2015. Disponível em: <http://www.revistas.unifacs.br/index.php/rgb>. Acesso em 02 Out. 2021.

SILVA, Maria Nilza; LARANJEIRA, Pires. Do problema da “raça” às políticas de ação afirmativa. In: PACHECO, Jairo Queiroz; SILVA, Maria Nilza da Silva (orgs.). **O negro na universidade:** o direito a inclusão – Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2007. p.160.

SOBRINHO-DIAS, José. Universidade fraturada: reflexões sobre conhecimento e responsabilidade social. **Avaliação:** Campinas; Sorocaba, SP, v. 20, n. 3, p. 581-601, nov. 2015. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/avaliacao/article/view/2322/pdf>. Acesso em: 06 nov. 2021.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de perguntas da entrevista

ROTEIRO DE PERGUNTAS DA ENTREVISTA

I – CARACTERIZAÇÃO:

1 - Onde cursou o ensino médio;

() Escola pública estadual

() Escola Pública Federal

() Escola particular

2 – Ano de conclusão do Ensino Médio:

3 – Ano de ingresso no Ensino Superior:

4- Curso:

5- Período:

6 – Naturalidade:

II – ACESSO AO ENSINO SUPERIOR

1- Além de você mais alguém na sua família teve acesso ao ensino superior? Quem?

2 - Como sua família lidou com a sua entrada no Ensino Superior?

3 - Como foi para você entrar no Ensino Superior? E quais foram as suas expectativas?

4 - Você entrou no ensino superior por alguma ação afirmativa?

5– Quais as maiores dificuldades que você encontrou?

6– Existe alguma facilidade que encontrou no ambiente acadêmico?

7– Quando entrou no ensino superior você se sentiu representado no corpo docente e discente?

8 – Você teve ou tem algum suporte familiar, de amigos para a sua permanência no ensino superior? E da instituição?

III – RAÇA

1 – Você consegue observar questões relacionadas a raça que atravessam sua vivência enquanto universitário?

2 – Você se sente como exemplo e/ou representatividade para a comunidade negra por ter tido acesso a uma instituição de ensino superior?

3 - Você acha que as questões relacionadas a raça é um ponto importante que deve discutido dentro da instituição de ensino superior?

IV – AVALIAÇÃO

1 – A entrada no ensino superior provocou alguma alteração na pessoa que você é hoje? Se sim, quais alterações você observou?

2 – Como você avalia até o momento a experiência que você tem tido?

3 - Quais as transformações você acha que o ensino superior traz para o indivíduo? Você se identifica e vivencia essas transformações?

4- A pessoa que começou a graduação e a pessoa que está aqui hoje é a mesma pessoa?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Projeto: Os jovens negros e o acesso a instituições de educação superior: vivências e impactos na subjetividade.

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa que aborda sobre o acesso a instituições de educação superior pela população negra: vivências e impactos na subjetividade. Desenvolvida por Ana Carolina Silva Costa, discente da graduação em Psicologia do Centro Universitário Dom Bosco – UNDB sob orientação do Professora Me. Ana Leticia Lima Barbosa.

O objetivo central do estudo é: identificar como o acesso a instituições de ensino superior contribui para a construção da subjetividade de jovens negros levando em consideração temáticas de raça que atravessam esses ambientes. A educação é a base que deve abarcar qualquer indivíduo a partir das relações que o ele tem com o meio. Assim, entender como se dar o processo de educação desses jovens nas instituições de ensino superior é desenvolver uma visão crítica acerca das vivências que essa comunidade estabelece durante todo período de graduação, tendo em conta a importância da conquista desse espaço pela comunidade negra e as dificuldades que podem ser encontradas nesse processo.

Sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro.

A sua participação será feita através de uma entrevista individual articulado pela pesquisadora do projeto. O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente uma hora a duas horas.

A entrevista será gravada somente para a transcrição das informações e somente com a sua autorização. Assinale a seguir conforme sua autorização:

Autorizo gravação Não autorizo gravação

As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e sua orientadora. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, físico ou digital, por um período de cinco anos.

O risco da pesquisa é mínimo e pode envolver apenas o constrangimento ao ser realizado a entrevista (presencial ou virtual). Existirão medidas adotadas pela pesquisadora que irá evitar tais tipos de constrangimento, sendo esse estudo realizado de forma ética, científica e com orientação em todos os processos da pesquisa.

Os resultados serão divulgados em eventos e/ou publicações científicas mantendo sigilo dos dados pessoais.

Contato profissional com o(a) pesquisador(a) assistente:

E-mail: carolcost@outlook.com

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário UNDB:

E-Mail: cep@undb.edu.br

Endereço: Av. Colares Moreira nº443, Jardim Renascença. São Luís - MA

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador. Não receberá cópia deste termo, mas apenas uma via. Desde já agradecemos sua participação!

São Luís, _____ de _____ de 2021

Assinatura da Orientadora

Assinatura da Pesquisadora

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Nome completo do (a) participante: _____

Assinatura: _____